

Excerto do livro OS MARCOS DO CAMINHO

Sobre o Conflito

Palestra realizada em Lisboa, no dia 29 de Julho de 2004

Tal como o medo, o conflito é uma das molas propulsoras da vossa evolução. Cada vez que enfrentam um medo, crescem, ficando com a sensação - um pouco insólita - de não compreenderem por que tinham aquele medo. Ou seja, depois de ultrapassado, o medo é uma miragem, é virtual. Já o conflito é um subproduto do ego. Se o ego é, de alguma forma, o guardião da separatividade, ou seja da anti-unidade, o conflito é o resultado inevitável da comparação entre dois egos. A função do ego foi criar um ser individualizado, embora não autónomo, com um perfil muito definido. E, na definição desse perfil, jamais coube, evidentemente, a aceitação incondicional dos outros perfis. Ora, quando um perfil não aceita outro, não pode deixar de surgir o conflito. O conflito pode surgir devido ao medo de um dos contendores não ter razão. É receio de que as suas convicções ou conclusões, acerca seja do que for, não estejam certas. Mas, como admitir o erro não é algo inerente a esse ego, ele vai atacar porque é incapaz de admitir que é fraco.

Entra-se em conflito, quando não se aceita o outro incondicionalmente, quer esse conflito seja expresso, quer não. Há conflitos abertos e conflitos velados. Há conflito, por exemplo, porque alguém não sabe jogar o jogo. Com frequência a coisa é comparada com o jogo do xadrez: há conflito quando um dos jogadores não gosta da jogada do parceiro, e opta por derrubar o tabuleiro. É um mecanismo de defesa, portanto. Mas, como sabem, só se defende quem é fraco. Quem tem a consciência expandida, responde, fazendo a sua jogada e congratulando até o parceiro pela sua genialidade. Um bom jogador da vida não se intimida com o que lhe pode acontecer durante o jogo! Assim, o conflito surge porque a pessoa sente a sua posição ameaçada. Isto é válido, tanto na vossa vida pessoal, como na profissional, política, etc. Por detrás de um conflito, há sempre um medo de perder, há uma medição de forças, por vezes um braço de ferro. Num conflito, por ser um produto do medo, o amor não pode estar presente. Logo, o conflito pode ser entendido como uma vibração muito aquém do que seria desejável, enquanto o amor tem de ser visto como uma vibração muito além do mínimo desejável.

O conflito e o ego, seu mentor, assustam-se perante o amor e, portanto, agridem; já o amor, perante o conflito, sorri. Sorri amorosamente, como um pai, maduro, sorri amorosamente para a inoperância e o atabalhoamento do filho; e dá-lhe a mão e ensina-o e adverte-o amorosamente para que ele tome consciência da sua atitude. Todavia, se esta forma de educação não for feita amorosamente, pode ser vista como uma intromissão, uma invasão, uma crítica ao livre-arbítrio de quem escolhe inadequadamente.

Quem gera o conflito tem a candeia apagada; quem sorri para o conflito tem a candeia acesa. Quem tem a candeia apagada acha que está sozinho; quem a candeia acesa sabe que não pode estar sozinho. E, como é natural de qualquer candeia acesa, ela vai querer acender a candeia apagada... desde que a candeia apagada pretenda ser reacendida, evidentemente! Ou seja, tal intervenção não pode ser uma atitude invasiva; tem de haver disponibilidade por parte de quem está "apagado". Uma candeia que esteja realmente acesa, permite-se perguntar à

candeia apagada como quer que a chama passe de um lado para o outro. Como quer e, eventualmente, quando quer.

O conflito é um vírus injectado pelo medo, convencido de que é capaz de apagar a Luz, quer em si mesmo, quer no outro. Quem tem a candeia acesa, porém, sabe que essa Luz não pode ser apagada, sendo por isso que sorri. Sorri, não com um esgar de superioridade e arrogância, mas sim com aquele sorriso que desarma qualquer candeia apagada... embora saiba que as candeias apagadas, quando se sentem ameaçadas, podem pregar a candeia acesa numa cruz! Até aí vai o medo! E há muitas maneiras de ser pregado numa cruz. Presentemente, não é preciso cruz, nem cravos, nem martelos; talvez por isso, muitos acham que a consciência dos seres humanos cresceu. Todavia, apenas refinaram os métodos. Ora, os Trabalhadores da Luz estão a acordar para desmantelarem este sistema amorosamente, para desestruturarem o sistema de dentro para fora, demonstrando que não têm medo, porque, vistas as coisas “de cima”, ninguém pode fazer mal a ninguém, apesar de, quando se está “em baixo”, muito prejuízo possa ser causado e muito dano possa ser infligido. E assim tem sido até ao desvario, porque quase todas as candeias têm estado apagadas; agora, que cada vez há mais candeias acesas, quem tem a candeia apagada começa a ficar perplexo ao verificar que o velho método da ameaça cada vez funciona menos! Por isso, cuidado! Quem tem a candeia apagada está cada vez mais assustado!

Um Farol não provoca; ilumina. Um Farol, quando se acende é para todos, tal como o Sol. Um Farol não é selectivo, não escolhe a quem iluminar; não critica quem está na sombra, porque, em última análise, ele também já lá esteve! Um ser conflituoso transforma-se num Farol, quando percebe que o jogo acabou. Sair do terreno de jogo significa recolher a antena que detecta a emissão conflituosa daqueles que o rodeiam. Se não reconhece essa intenção, não detecta a ameaça. Um Farol é; um conflituoso tem medo de ser. E àquele que tem a coragem de ser, nada pode acontecer. Do ponto de vista físico podem acontecer, é certo, imensas coisas. Mas um Farol manifesta-se muito para além do plano físico. Um Farol está no plano físico para se manifestar como Farol, nada mais.

Posto isto, cada vez que se reconhecerem em situação de conflito, pequeno ou grande, saibam que estão com medo e que, portanto, estão inseguros. Se a situação de conflito for transitória e não permanente, se é fruto de uma circunstância que vos apanhou de surpresa, basta que respirem fundo, evoquem a vossa vibração superior, ou a energia preferida da entidade que melhor vos calha. Abandonem a posição da “personagem” e foquem-se na posição do “actor”, e facilmente verificarão que tudo isso se esfuma. ... Todos nós sabemos como é difícil essa transição. Temos acompanhado, ao longo dos séculos, a vossa luta e o vosso empenho para se despojarem das consequências deste jogo. Ou seja, neutralizarem o estrebuchar do anjo mascarado de ser humano, esquecido que é um anjo! É por isso que a nossa disponibilidade é incondicional, pois sabemos quem vocês são e conhecemos tudo pelo que passaram. Por isso dizemos que não vos abandonamos... desde que vocês não escolham ser abandonados! Já foi dito, e repetido, que o livre-arbítrio é sagrado: quem escolhe ser abandonado não é amado diferentemente de qualquer outro. Nenhuma das vossas escolhas faz oscilar o que sentimos pela humanidade, isso que, por agora, não podemos expressar senão através de palavras, porque a vossa formatação ainda não vos permite sentir o que vos enviamos – aquilo a que alguns chamam “amor”. Nós estamos ao vosso lado, mas quem tem de dar aos passos são vocês. Têm de recuperar a consciência da condição de seres criadores, para continuarem a evoluir, depois de terem encerrado esta fase, para a qual contribuem tão dedicadamente, ajudando a elevar o planeta Terra através da vossa própria purificação.

Não há intenção mais importante do que pretenderem retirar, de dentro de vós mesmos, os princípios do conflito. É como se esse fosse o fulcro da questão. Qualquer humano que pretenda caminhar para a paz, não pode, evidentemente, arriscar-se a ser um produtor de conflitos porque uma coisa elimina a outra. E, como compreenderão, ao erradicarem o conflito de vós mesmos, estão, por acréscimo, a arrastar as consequências, físicas, psíquicas e emocionais, de terem aderido ao conflito, nas mais diversas situações e níveis de intensidade. Viver no conflito deixa marcas; não é impunemente que se vive dessa forma. Abandonar o conflito pode, por exemplo, reduzir os níveis de cansaço... se é que têm consciência da quantidade de energia que é precisa para se manterem em conflito. Nesta altura, o processo de transformação, pela qual a vossa biologia está a passar, já gasta energia suficiente para vos pôr cansados; não precisam de se cansar mais com conflitos. Invariavelmente, terminamos as nossas comunicações com um “fiquem em paz”, o que significa, evidentemente, uma ausência de conflito. Não temos, por isso, qualquer dúvida em avaliar que, desta vez, ficarão mais em paz do que nas vezes anteriores.